

DINÂMICAS IDENTITÁRIAS E ECONOMIA DA ALTERIDADE NA MIGRAÇÃO ACADÊMICA DE ESTUDANTES AFRICANOS -CABO-VERDIANOS E GUINEENSES- PARA FORTALEZA (BRASIL)

ANDREIA PATRÍCIA SOARES RAMOS CORREIA¹

RESUMO:

Este artigo discute a migração acadêmica de estudantes africanos para Fortaleza, capital do Estado de Ceará (nordeste do Brasil). Busca analisar as práticas de sentido e as dinâmicas identitárias dos estudantes africanos representada pelo universo de colegas brasileiros. Baseado em um trabalho de campo etnográfico, partimos de questões de campo tais como: onde vivem; como vivem; com quem vivem- como eles/elas constroem suas redes de sociabilidade-, e de que forma o novo meio acadêmico promove afetações, percepções e imaginações para a produção da subjetividade dos migrantes. Numa dialética onde os indivíduos se fazem e se reinventam através de trânsitos que mapeiam trajetórias existenciais é importante, portanto, compreender como estes imigrantes acadêmicos (re)constroem identidades num espaço estrangeiro, acrescentando novas experiências culturais aos seus “eus” e doando significados simbólicos a este processo. Esta relação, entre identidades e locais de processos de (re)construção deste sujeito nos leva a enxergar uma nova produção- a do indivíduo (re)criado, concebido por este tempo/espaço.

Partindo da condição de estrangeira (cabo-verdiana/estudante) é possível perceber como essas trajetórias se constroem diferentemente diante desses sujeitos². E no papel de pesquisadora surge a inquietação de compreender como são produzidas as diferentes percepções dessa vivência. Doando um olhar mais científico a esta análise (GOLDENBERG, 2005), que é decorrência de um trabalho monográfico³, inspirei-me na mesma situação do “exotizar o familiar” (DA MATTA, 1993) para construir essa problemática decorrente dos estudantes cabo-verdianos e guineenses que escolhem a cidade Fortaleza para fins de estudo.

Palavras chaves: Migração; Trânsitos; Identidade.

Em meu país- Cabo Verde⁴- existe o que podemos chamar de “tradição de emigrar para fora”. Desde muito cedo, os pais incutem nos filhos, a idéia de estudar fora. E assim vi todos os meus amigos, familiares, vizinhos e conhecidos construindo suas ambições a partir da migração. Há gerações, pais criam nos filhos a idéia de separação, e desde cedo somos acostumados à separação migratória. Na minha terra quando terminamos o último ano do ensino médio, começamos a nos preparar para o mundo exterior- e assim começa nossa jornada, uma aventura de experiências que nos marcam por um

¹ Estudante, mestranda, bolsista (CAPES) do Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

² Enquanto pesquisadora pude vivenciar de dois modos a realidade de ser estudante estrangeira, observando como participavam os sujeitos com os quais eu convivía diariamente; Foi então possível identificar novas possibilidades de mudança de personalidade. Roy Wagner (2010) ajuda-nos essa ideia de observar o outro a partir de concepções nativas- isso nos permitiria uma olhar renovado de nossa própria cultura.

³ CORREIA, Andreia (2011)

⁴ Cabo-Verde- País africano de língua oficial portuguesa. Situada na costa ocidental da África, o arquipélago abriga dez ilhas que se dividem em dois grupos: Barlavento (Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista e os ilhéus de Branco e Raso) e Sotavento (Maio, Santiago, Fogo, Brava e os ilhéus Secos ou Rombo). Na ilha de Santiago, está situada a cidade capital do país, a cidade da Praia.

ritual de passagem, onde jovens partem de seus países em busca de novas formações (destaco aqui, a formação acadêmica e identitária).

O trabalho aqui apresentado é fruto da pesquisa realizada desde o ano 2009 (até 2011), do qual se baseou grande parte de minha monografia⁵. Neste artigo, trago em especial algumas reflexões sócio-antropológicas debruçadas sobre a migração de jovens estudantes guineenses e cabo-verdianos que escolheram a cidade de Fortaleza (capital do Estado de Ceará/Brasil) para fins acadêmicos/profissionais. Dentro deste cenário analiso e tento compreender a importância das relações de trocas e ressignificações identitárias. O artigo, portanto, abriga também relatos, dos próprios informantes (recolhidos na época em que a pesquisa fora realizada), e por assim ser, todas as discussões serão desenhadas a partir de itinerários e trânsitos que aspirarão a uma etnografia envolvendo diferentes “personagens” deste migrar.

Acompanhando jovens cabo-verdianos e guineenses- na faixa etária de dezoito a vinte e seis anos-, estudantes⁶ de diferentes cursos da Universidade Federal do Ceará, e de duas outras faculdades privadas⁷, pude, desde 2009, perceber como se organizam e se identificam dentro do contexto “estrangeiro”. Pertencentes a diferentes contextos culturais/sociais e vivenciando a experiência concedida pelo espaço estrangeiro, descrevem através de relatos e atitudes as mudanças sofridas no decorrer do anos. Ingressam-se todo ano pelo programa PEC-G (Programa de Estudante Graduação)⁸ e escolhem, assim, universidades brasileiras para uma formação acadêmica prestigiada, com a ambição de se tornarem profissionalmente capazes de atuarem posteriormente nos seus países de origem. E nesta busca idealizam-se projetos de vida, projetos esses reelaborados na volta à casa, onde a realidade se sobreporá às expectativas.

É, portanto, diante deste contexto de andarilhos onde atores sociais que partilham de diferentes coletivos, deslocando-se em busca de novas representações e criando novos mapas, que trago a pertinência de toda esta reflexão. Para os que escolhem a migração acadêmica, em Cabo-Verde e Guiné Bissau, carregam consigo uma relação de prestígio e distinção⁹, e assim o status no retorno é atribuído pela escolha de tais trilhas. É neste processo que surge uma relação de trocas, onde os Governos (cabo-verdiano e guineense) apostam neste deslocamento (dar), concedendo bolsas de estudo e ofertando vagas a partir do convênio que estes mantêm com o Governo brasileiro. Os indivíduos se apoiam nestes auxílios (receber) se candidatando às vagas e bolsas ofertadas, para se formarem em outros países; no final, o retorno será a retribuição, onde estes mesmo indivíduos podem contribuir para o enriquecimento do mercado de trabalho de seu país. Neste sentido as configurações da migração acadêmica geram indivíduos “multi-identitários” e qualificados, possíveis de serem acomodados em um novo mercado de trabalho.

Buscando, portanto, analisar as práticas de sentido e as dinâmicas identitárias dos estudantes africanos representada pelo universo de colegas brasileiros, este artigo basea-se essencialmente por trabalhos de

⁵ Monografia defendida em Dezembro de 2011, cujo título se apresenta em: “Culturas viajantes e dinâmicas identitárias: um estudo antropológico da migração de estudantes guineenses e cabo-verdianos para fortaleza”.

⁶ Habitando em diferentes bairros de Fortaleza (Ceará), a maioria concentrando-se no bairro do Benfica (bairro universitário, onde se localiza a reitoria da Universidade Federal do Ceará) e do Papicu (um dos bairros nobres da cidade de Fortaleza). Organizavam-se em grupos onde se encontravam (semanalmente) para discutir interesses comuns (como nas pequenas reuniões da Comissão de Estudantes Cabo-Verdianos de Fortaleza ou da Associação de Estudantes guineenses no Ceará, e da Associação dos Africanos do Ceará) em festas de independência do país (por eles organizados), e em outras pequenas atividades de lazer.

⁷ (FATENE) Faculdade De Tecnologia do Nordeste; FANOR (Faculdade Nordeste)

⁸ Existem também os que migram por conta própria- fora do programa PEC-G. Esses se matriculam nas faculdades/universidades privadas.

⁹ Cabe aqui lembrar Bourdieu, em *Modos de dominação*, nas relações de prestígio e poder, onde ele enfatiza: “ O título escolar, como moeda, tem valor convencional, formal, juridicamente garantido (...)” p.222

campo etnográfico, sustentado por um conjunto de questões que me inquietaram durante todo o trabalho de campo: onde vivem; como vivem; como eles/elas constroem suas redes de sociabilidade-, e de que forma o novo meio acadêmico promove afetações, percepções e imaginações para a produção da subjetividade dos migrantes. Numa dialética onde os indivíduos se fazem e se reinventam através de trânsitos que mapeam trajetórias existenciais é importante, portanto, compreender como estes imigrantes acadêmicos (re)constroem identidades num espaço estrangeiro, acrescentando novas experiências culturais aos seus “eus” e doando significados simbólicos a este processo. E nesta relação, entre identidades e locais de processos, de (re)construções de sujeitos, é que somos levados a enxergar uma nova produção- a do indivíduo (re)criado, concebido por este tempo/espaço.

Foi partindo da condição de estrangeira (cabo-verdiana/estudante) que me foi possível perceber como essas trajetórias se constroem diferentemente diante desses sujeitos¹⁰. E no papel de pesquisadora surge a inquietação de compreender como são produzidas as diferentes percepções dessa vivência. Doando um olhar mais científico a esta análise (GOLDENBERG, 2005), que é decorrência de um trabalho monográfico¹¹, inspirei-me na mesma situação do “exotizar o familiar” (DA MATTA, 1993) para construir essa problemática decorrente dos estudantes cabo-verdianos e guineenses que escolhem a cidade Fortaleza para fins de estudo.

Seguindo um trabalho de campo intensivo, pude acompanhar o cotidiano de alguns desses estudantes¹², observando-os desde o momento da chegada, os primeiros estranhamentos e o processo de “inserção” neste novo meio, até o retorno de alguns deles. E partindo dessas dimensões migratórias, salientam-se as perspectivas esboçadas e as realidades concretizadas dentro de um campo de possibilidades¹³, envolvendo sujeitos que manipulam e estrategiam a atuação nessas diferentes esferas. É neste sentido que os processos migratórios, envolvendo estudantes africanos para o Brasil, tem mobilizado alguns estudiosos das ciências sociais, especialmente da antropologia. No bojo deste questionamento, proponho-me, também, a trazer questões que me inquietam enquanto estudante estrangeira, cabo-verdiana, as quais venho igualmente compartilhando com outros colegas de países africanos, especialmente com colegas guineenses e com compatriotas.

O devir brasileiro

Pensar os trâmites destes deslocamentos foi apenas parte inicial de inquietações pessoais, enquanto também estudante estrangeira. Refleti-los sob uma perspectiva socio-antropológica, invocando suas problemáticas, é sim parte segunda deste processo “pensar”. Minhas inquietações pessoais haviam ganhado porções tamanhas a uma simples reflexão caseira. Havia que buscar um campo para complementar tais indagações. E por tais caminhos, devo inicialmente salientar meu devir brasileiro, ressignificado entre as idas e vindas deste processo “deslocar”.

Com o tempo minhas práticas culturais- meus hábitos alimentares, meu modo de vestir, de falar e de gesticular vinham sendo moldadas. O convívio junto aos brasileiros possibilitou o aprendizado aprimorado do português brasileiro, o que facilitou muitas camuflagens enquanto estrangeira. Minhas preferências artísticas e estéticas haviam também de se perceber nas mudanças, e assim ganhando novas caras. As dificuldades iniciais de me adaptar ao novo meio- aos hábitos alimentares, ao

¹⁰Enquanto pesquisadora pude vivenciar de dois modos a realidade de ser estudante estrangeira, observando como participavam os sujeitos com os quais eu convivia diariamente; Foi então possível identificar novas possibilidades de mudança de personalidade. Roy Wagner (2010) ajuda-nos essa ideia de observar o outro a partir de concepções nativas- isso nos permitiria uma olhar renovado de nossa própria cultura.

¹¹ CORREIA, Andreia (2011)

¹² Na pesquisa que resultou em minha monografia pude realizar algumas entrevistas a estudantes guineenses e cabo-verdianos que estudam no Brasil (Fortaleza/CE).

¹³ Ver Gilberto Velho (1999)

português brasileiro, ao ambiente acadêmico/universitário, aos novos colegas brasileiros, a uma nova família, e a uma nova maneira de ver a própria vida, fizeram-me pensar a migração em uma nova perspectiva e ganhar, assim, uma liberdade intelectual e pessoal necessária para dar início a tal pesquisa.

O ser estrangeiro

“Se o mover for o contraste conceptual do fixar-se, com a liberdade em relação a cada ponto dado do espaço, então, a forma sociológica do “estrangeiro” representa, não obstante, e até certo ponto, a unidade de ambas as disposições. Revela também, certamente, que as relações concernentes ao espaço são, por um lado, apenas, a condição e, por outro, o símbolo das relações entre os seres humanos.” (2005)

Georg Simmel

A noção de estrangeiro, conceituado por Simmel, não se refere ao (habitual) estrangeiro que se desloca hoje e retorna amanhã, mas ao contrário, refere-se àquele que vem hoje e amanhã permanece. A este sujeito que escolhe a permanência (mesmo que provisória) lhe é concedido o direito de experienciar uma nova cultura, doando novos significados a este processo migratório e acrescentando-se de novos elementos culturais. O estrangeirismo concedeu-me, deste modo, o vivenciar, por dois ângulos, as peripécias desta realidade trânsitorial. Ser uma estudante estrangeira¹⁴, (atuando também como pesquisadora), observando como participam os sujeitos com os quais convivia diariamente, permitiu identificar novas possibilidades de mudança de personalidade (WAGNER, 2010). Observar o outro- e suas práticas-, a partir de conceitualizações nativas, permite-nos um olhar renovado de nossa própria cultura (WAGNER, 2010).

No relato¹⁵ de Eveline¹⁶, percebemos o que a afirmação anterior nos explicara. Os multi rumos e os intermináveis caminhos traçados por estes itinerários, escolhidos pela possibilidade de se formar academicamente, fez-se perceber também em sua auto-identificação. A percepção do outro concedeu de mesma forma um auto conhecimento, reafirmando-se enquanto africana, estrangeira e negra- numa dialética, sempre dinâmica do experienciar o “outro”:

Desde di Cábo Vêrdi n ta obi só música brasileiro,(...) n tem tcheu influência desde Cábo Vêrdi; desde Cábo Vêrdi n teve kel influência pa música, sempre n gozta di música brasileiro (...) e també pa cumida, alguns cumidas, sima fijon preto, també cumé kel macarão. Manera di bisti també pamodi só ropa di li kin pudeba bistiba, n muda um pôco stilo e cabelo també, é padron tudo caboverdeano ki bem li tem kel tendência la pa dextra fica más afro pa mostra ses identidade mas aês é africano keli kelá, bisti kes rôpas; n atcha ma kelá me na tudo minis asi.¹⁷

¹⁴ Tal discussão sobre vivenciar o outro, e em lugar do outro, e interpretar o “nativo” em lugar do “nativo”, pode caber uma leitura de Fravet-Sada, ao importar as noções de “*ser afetado*”.

¹⁵ As notas que virão a seguir, trazem a tradução das falas dos entrevistados, falas essas em crioulo, língua nativa dos pesquisados (guineenses e cabo-verdianos residentes nos Brasil), pois as entrevistas foram realizadas em língua nativa com o intento de prevenir a essencialidade das narrativas e preservar autenticidade e a liberdade nos falares. Minha pretensão inicial era manter as entrevistas em sua língua nativa, contudo, informações pertinentes aos leitores encontram-se contidas nas pequenas falas aqui transcritas.

¹⁶ Eveline foi uma das principais interlocutoras desta pesquisa. Cabo-verdiana, de vinte e três anos, na época (2011), foi estudante do curso de Ciências Sociais, da Universidade Federal do Ceará e viveu no Brasil por cinco anos.

¹⁷ “Desde o Cabo-Verde eu escutava músicas brasileiras (...) tenho muita influência desde Cabo-Verde; desde Cabo-Verde tive influência pra essas músicas, sempre gostei de músicas brasileiras (...) e também pelas comidas, algumas comidas como feijão preto, também comer macarão. A forma de se vestir, também, porque só podia vestir as roupas daqui; mudei um pouco o meu estilo e o cabelo também; é padrão de todos os cabo-verdianos que vêm pra cá; gostam de deixar o cabelo ficar mais afro, pra poder se identificarem mais como africanos. Vestir aquelas roupas; acho que isso acontece com todo o pessoal.”

O relato da Eveline, importa-nos a influência da cultura exterior/estrangeira sobre sua identidade, inferindo não somente nos seus gostos musicais, mas também na culinária, na forma de se vestir e principalmente na sua identificação enquanto africana, porque *tu du cabo-verdeano ki bem li tem kel tendência la pa dexta fica más afro pa mostra ses identidade* (preferindo a partir daqui usar cabelos mais afros, deixando de os alisar), afirmando e reafirmando seus “eus” perante os outros.

Portanto, o que podemos constatar a partir dessas análises é que, o que identifica um indivíduo são suas idiossincrasias culturais, suas características pessoais, seus hábitos, costumes, usos e valores. Quando este indivíduo se encontra numa cultura estrangeira, sem estas mesmas feições e particularidades, ele necessita incessantemente de encontrar meios para “manter”, “relembrar”, “preservar” tal “cultura de origem”. Vivendo num país que lhe é estranho, todos os dias suas práticas culturais, seus hábitos estão sujeitos a ressignificações, pelo meio em que vive- criando assim uma identidade sincrética (CUCHE, 2002).¹⁸

Entretanto, é perceptível que deslocamentos consentem mudanças e permitem vivenciar o entendimento maior sobre si próprio e sobre os outros. Nesta situação onde se encontram estes sujeitos descobrimos relatos onde estes fazem uma avaliação de seus “eus” enquanto indivíduos modificados por uma cultura estrangeira. Neste relato da Eveline, ela nos traduz como essas ressignificações tornaram possíveis mudanças, no modo de falar, de se vestir e em toda sua personalidade foi ganhando elementos de culturas com as quais ela teve contato- não somente brasileira, mas guineenses e de outras Áfricas com as quais ela conheceu a partir da convivência no Brasil.

Quase tudo, n muda di zero pa noventa por cento(%), pamodi n ca ta fala mesmo crioulo, pa influência kin teve cu minis, keslotu africano ta fala um badiu diferente, n fica cu algum sutaque brasileiro, alguns gírias, alguns cuzas. Quanto à personalidade n fica más madura ...tem munti cuza, manera di bisti, manera di cume, nha própi pessoa asi. N’ fica más paciente, más cuidadosa, más responsável, má n atcha man midjora tcheu, n midjora tcheu! (Eveline)¹⁹

Entender-se a partir do espelho que o outro nos permite enxergar, é tão pertinente a uma formação acadêmica como pessoal, e destas afirmações encontramos recitados os relatos de Eveline e de Francisco, que acrescenta e refere-se a “*mangas di cuzas*” (várias coisas), desde sua vida acadêmica a sua vida pessoal. Viver no Brasil ensinou-lhe a “respeitar e aceitar” o diferente e permitiu-lhe esse resultado híbrido que pode ser levado a seu país;

Mangas di cuzas cu mi; dipôs di ês quatro/cinco anos ali, ami n ta atcha ma kel Francisco di cinco anos atrás é ca kel ‘Francisco’ di goci, goci é kel ‘Francisco’ com ensino Superior feito, é um ‘Francisco’ cu um vison social, um ‘Francisco’ maduro dja pan enfrentá um situaçon dja na qualquer sociedade(...) durante na studa li na Brasil n aprendi munti cuza, n aprendi ser omi, aprendi vive cu diferença (social), aprendi ser um acadêmico, ke cuza más importante durante ês quatro cinco anu li na Brasil; e um di cuza principal é ki sim staba na nha terra té na oci,(...); pa otu lado n atcha ma pa situaçon ki nha país as ta passa, ma graduaçon é ca suficiente, é ca suficiente pan ba tira nha país di situaçon k esta; n tem ki bai cu mestrado(di li di Brasil ou di

¹⁸ Ver Cuche, 2002 Quando “o indivíduo que faz parte de várias culturas fabrica sua própria identidade, fazendo uma síntese original a partir destes diferentes materiais. O resultado é então uma identidade sincrética e não dupla, se entendermos por isso uma adição de duas identidades para uma só pessoa.” CUCHE, 2002

¹⁹ “Quase tudo. Mudei cerca de noventa pocento (%), porque não falo o mesmo crioulo, pela influência que tive com o pessoal, aqueles outros africanos, eles falam um crioulo diferente, e fiquei também com sotaque brasileiro, algumas gírias, algumas coisas. Quanto à personalidade, fiquei mais madura...tem um monte de coisas, tipo o jeito de me vestir, de comer, e minha própria pessoa. Fiquei mais paciente, mais cuidadosa, mais responsável, e acho que melhorei bastante, muito mesmo!” (Eveline)

Europa), n ta atcha man ta sta más forte pan dá contribuiçon pa desenvolvimento di Guiné Bissau. (Francisco, UFC)²⁰

A fala de Francisco, já denunciando a influência inevitável do português brasileiro, mostra-nos as facilidades deste hibridismo e torna possível afirmar a mudança como um fator indefectível. No caso do pesquisado ocorreu não somente penetrando na sua vida acadêmica, mas em muitas outras esferas. Assim relata-nos Francisco que grande parte de sua formação deve-se a essa sociedade (brasileira/cearense) que o ensinou não somente a conviver com o diferente/estranho, mas também lhe permitiu ver-se enquanto sujeito: estrangeiro, negro, africano. Neste sentido, continua o relato, acrescentando:

“(...)oje n ca na serba o kin é...pabiá di ké di ki na faculdade n aprendi muntu cuza, más també convivência cu colegas na rua, e n aprendi um otu stilo di vida, ke vida acadêmico, n aprendi otu stilo di vida, ke ser strangero, um otu stilo di vida dá valor a ser humano por causa di diferença, n atcha ma oje em dia n sta preparado pam enfrenta qualquer stilo di vida.”²¹

As mudanças são inevitáveis- alegam todos os entrevistados. O que nos leva a pensar que a escolha de tais trilhas deve-se muito mais do que a simples *experiência de “viver lá fora”*, mas também o de caber num espaço de ressignificações cotidianas e construções de novos imaginários do espaço estrangeiro. Os relatos, todos, são narrados a partir de um “enredo de alterações”, apontando estes para os hábitos alimentares, para a indumentária, e mesmo às ideias, estas recolhidas, retrabalhadas e realaboradas por um cenário do novo (outro). Tais “alterações” (ou mudanças) são-lhes permitidas a partir do momento em que escolhem “sair de casa”. Enquanto, nos relatos as vozes denunciavam o sotaque, era possível notar através das gesticulações e expressões faciais de cada um deles a empolgação da/na fala para explicar a mudança notável que viam ao se olharem no espelho.

O Brasil foi escolhido por grande parte destes que migram, justamente pela proximidade das culturas, pela facilidade que lhes apresentam a língua portuguesa- embora alguns tenham dificuldades iniciais- mas também pela experiência única de morar/estudar fora. Por esta formação que não é tão somente acadêmica, mas essencialmente “pessoal”- carregando essências desta “brasileiridade” (e permitindo a esse Brasil conhecer um pouco do que é essa intensa África). Contudo, inúmeras responsabilidades são arcadas quando de casa decidimos sair, e se ‘aventurar’ em um outro continente, outro país e outra cultura. Permitimo-nos a liberdade de viver ‘sós’, (longe do país e da família), e aprisionando-nos pela mesma liberdade que nos obriga a “*se virar*”.

E diante dos relatos e narrativas são percebidas novas categorias do “outro”, classificados e reinterpretados pelo “diálogo estrangeirístico”. As estórias que envolvem os processos migratórios carregam consigo motivações que levam esses indivíduos a migrarem. Tais estórias nos são contadas por cada um destes estudantes em versões diferentes, mas que se cruzam em um momento: a escolha de

²⁰ “Muitas coisas comigo (aconteceram); depois desses quatro/cinco anos aqui, eu acho que aquele Francisco de cinco anos atrás não é o mesmo Francisco de agora. Agora é um Francisco com uma formação superior, é um Francisco com uma visão social, um Francisco maduro pra enfrentar qualquer situação e em qualquer sociedade (...) Durante meus estudos aqui no Brasil, aprendi muitas coisas; aprendi a ser homem, aprendi a viver com diferenças (sociais), aprendi a ser um acadêmico, que foi a coisa mais importante durante esses quatro/cinco anos aqui no Brasil; é uma das coisas mais importantes, desde da saída do meu país até agora. Por outro, pela situação que o meu país está passando agora, penso que a graduação não é o suficiente, não é suficiente pra tirar o meu país da situação em que se encontra; tenho que voltar com um mestrado (daqui do Brasil, ou da Europa) acho que isso faria de mim mais forte e poderia contribuir melhor para o desenvolvimento do meu país- Guiné Bissau.”

²¹ “Hoje eu não seria o que sou... porque na Faculdade aprendi muitas coisas, mas convivências com colegas na rua, fez-me aprender um novo estilo de vida, que é a vida acadêmica, aprendi um outro estilo de vida, que é ser estrangeiro, um outro estilo de vida, que é ser estrangeiro, um outro estilo de vida, dar valor ao ser humano por causa das diferenças ; acho que hoje estou preparado pra enfrentar qualquer estilo de vida.”

sair de casa. A trajetória de cada um, a experiência pela qual passaram desde o momento dos processos de seleção, nos traz a vivência singular de cada um deles, nos mostra trilhos traçados desde o momento da saída do país de origem, até a chegada ao país estrangeiro.

Por sermos sujeitos culturais, e de cultura, estamos constantemente sendo moldados por esta, seja ela a “nossa” ou não. Ganhamos e acrescentamos cotidianamente elementos importantíssimos para nossa formação como sujeitos multiculturais. A esses indivíduos, que se encontram num meio onde a cultura estrangeira os “obriga” a reconstruir e ressignificar suas identidades, criam novos gostos, novas preferências, se encaixam em um novo contexto para a adaptação do tudo “novo”. Todos eles (entrevistados) reconhecem claramente terem “sofrido” a influência estrangeira (uns lamentam, outros não)- a verdade, em conclusão, é que tais mudanças são constantes, e assim como o tempo, a cultura e a identidade também não se estagnam.

Quando “fora de seus lugares” estes indivíduos migrantes sentem-se pernetas, como se faltasse-lhes uma das pernas, e então é preciso se apoiar em algo, uma muleta qualquer. Para isso, criam novas amizades e se associam em grupos, onde possam lhes (a) “segurar” e lhes orientar neste meio novo²². A idéia que crio de ‘muletas’ uso como auxílio para tentar explicar, melhor, como a migração afeta os indivíduos (estudantes ou não). Essas muletas- na qual se apóiam e se sustentam- encontram-se nas formas de organização onde estes sujeitos se orientam e se compreendem enquanto atores de uma mesma “peça real”, na qual dividem o mesmo cotidiano estrangeiro e sustentam semelhantes problemas.

“Os deslocamentos possibilitam os trânsitos identitários, quando aproximam diferenças” (MOURÃO, 2010). No encontro com o estranho permitem-se novos conhecimentos de si e do outro. Perante esta convivência cotidiana entre diferentes nacionalidades dividindo um mesmo espaço universitário, surgem indagações sobre si próprio. Relações e interrelações são percebidas neste campo, onde laços e teias são criados e tecidos por indivíduos que escolhem essas trilhas tortuosas. Sem os pais, sem os antigos amigos e sem a terra com a língua e a comida que os criou, aprendem a se adaptar e a criar estratégias de sobrevivência, se ajudam e se apóiam quando necessidades aparecem pela frente, construindo assim relações de reciprocidade e de fraternidade.

Nestas relações de reciprocidade²³, construídas neste meio, fortalecem-se os laços entre os diferentes indivíduos que (com)partilham o mesmo coletivo. Aprendem novas formas de organização para a

²² Uma das formas de organização apresentada em um dos capítulos de minha monografia, a Associação de Estudantes Africanos no Ceará aparece como principal mecanismo de mobilização e discussão dos problemas enfrentados diariamente por estes estudantes africanos. Fundada no ano de 2008 por estudantes africanos, a associação tem por objetivo demarcar-se dentro de um espaço onde todos possam ganhar a notória visibilidade (dentro e fora do ambiente acadêmico). Desde então vêm realizando atividades pelas quais tais indivíduos são reconhecidos e percebidos perante suas instituições de ensino e outras. Assim, dentro desta organização, criaram estratégias múltiplas para auxiliar e reivindicar os direitos concedidos aos diferentes estudantes africanos que para este estado migram. Composto por cerca de dezesseis sócios, a associação abriga ainda “visitantes” (alguns brasileiros e outros africanos) que freqüentam semanalmente, aos domingos, as reuniões que se direcionam às problemáticas vivenciadas por estes sujeitos na situação de migração especial. Do ponto de vista nativo, essas problemáticas podem ser resumidas em: problemas financeiros, discriminações raciais e dificuldades acadêmicas.

Nestes encontros realizados semanalmente, todos os domingos, na sala três do departamento de história, no CH2 (Centro de Humanidades) da Universidade Federal do Ceará, encontram-se para discutir problemas que afetam a todos estes enquanto estudantes estrangeiros, africanos que vivem no estado do Ceará. Em pautas, são levados os problemas mais sofridos por estes imigrantes. Podemos encontrar discussões relacionadas à vida financeira destes, às discriminações que estes sofrem no cotidiano Cearense (fortalezense), e os conflitos travados diante das instituições de ensino que os acolhem. Após a exposição dos principais problemas, dificuldades ou episódios pertinentes a uma discussão, são debatidos as formas de enfrentamento e possíveis soluções. Diante de tais discussões, encontro referências que auxiliam a entender melhor este vasto campo que me propus a estudar. Ver CORREIA (2011).

²³ Ver Mauss (2003). A reciprocidade referida aqui relaciona-se às relações de trocas (culturais e outras), entre estudantes guineenses, cabo-verdianos (outros africanos, e entre os próprios brasileiros). Tais relações de trocas, fortificam os laços, determinam os espaços e estabelecem os sentimentos de pertencimento.

defesa de seus direitos e diferenças. Constrói-se um sujeito a partir desta diferenciação²⁴, buscando identificações e semelhanças. A precisão do outro, para a construção de um novo ‘eu’, mostra a pertinência dessas relações²⁵. No meio universitário, nas reuniões da associação, ou mesmo dentro do ambiente cabo-verdiano, ou guineense que se encontram (em casa, ou nas atividades que realizam entre si), são estabelecidos laços (ou relações) pertinentes à sobrevivência neste mundo estrangeiro. Indivíduos de culturas divergentes se encontram num contexto e num espaço divergente, compartilhando um meio estrangeiro e tentando constantemente se adaptar a este “lugar” aonde não pertencem. Constroem murros, e se defendem entre fronteiras culturais, tentando demarcarem-se fixamente como diferentes- a partir de comunidades e pequenos grupos, onde se marcam como “estes” ou “aqueles” (africanos). Contudo, a influência estrangeira é inevitável e persistente, somos constantemente “seduzidos” pela cultura estrangeira, e deste modo absorvemos características deste “novo”, influenciando assim nossos hábitos, costumes, e valores- adicionando novos “eus” a nossa identidade.

Ao decorrer do presente estudo fui constatando identidades percebidas perante os sujeitos pesquisados elaborando de mesmo modo, estratégias de interação e compreensão do outro. Diante dos conflitos travados entre dessemelhanças criam-se formas outras de preservação ou de assimilação, onde se agregam ou se afastam, criando muralhas ou estratégias de integração. O certo, é que as diferenças promovem o que o Cardoso de Oliveira (1976) chamou de identidade contrastiva, onde grupos afirmam suas identidades no contraste entre diferenças. Contudo, esta mesma identidade é definida com base num contexto situacional e relacional, em Carneiro da Cunha (1986), partindo do pressuposto de que estas identidades se relacionam, se articulam, afirmam e se distinguem. A idéia proposta por Carneiro da Cunha me convidou a refletir o conceito de ressignificações proposto por Sahlins (1990) onde encontramos explicações para os processos de mudanças supostamente amarrados a esquemas culturais preexistentes, a partir dos quais novos elementos são acionados permitindo ressignificações.

Minha vinda ao Brasil (Fortaleza) se fez parte construtiva deste trabalho. Vi-me perante uma família brasileira onde os hábitos e costumes se diferiam da minha; encontrei no meio universitário colegas brasileiros que me aproximaram um pouco de seus mundos. Aprendi a falar, a dançar, a gesticular e (com) portar semelhante a eles. Busquei através de minha experiência como negra, africana/cabo-verdiana/estrangeira, responder a algumas inquietações que me surgiram ao longo de minha estadia pela cidade de Fortaleza. Assim, surgiu o “eu pesquisadora”, que com a ajuda da academia foi-se deslumbrando mais e mais vezes, permitindo-me conhecer outros trabalhos relacionados a esta temática (migração- identidade), trabalhando assim com conterrâneos e guineenses.

Escolhi assim tais sujeitos de pesquisa pela aproximação que me ligava a eles. Contudo, controvérsias foram-se demonstrando obstáculo a minha ambição. O distanciamento necessário, as anotações pertinentes, e a observação participante/observante, foram elementos domesticados ao longa da pesquisa. Pus-me assim perante o familiar [emprestando a idéia de DA MATTA] dando-lhe olhares exóticos, percebendo ‘banalidades’ pertinentes ao estudo. O campo era-me em casa [refiro-me aqui não somente a casa do sentido restrito, mas essencialmente ao vasto campo- as festas, as comemorações, as

²⁴ São construídas fronteiras demarcadoras de espaços, onde o ‘nós’ e os ‘outros’ são separadamente definidos. Suas muralhas determinadas a partir de pequenos grupos (guineenses; cabo-verdianos; santomenses; angolanos, moçambicanos e brasileiros), estabelecem laços que os unem enquanto estudantes estrangeiros. Assim, cabo-verdianos buscam morar (dividir apartamentos) com cabo-verdianos, guineenses de mesmo modo escolhem seus conterrâneos, instituem seus locais de moradia e seus companheiros de apartamento. Em todas as entrevistas alega-se a preferência por uma pessoa do mesmo país, ou que pelo menos seja africano. A compatibilidade é sempre buscada na hora de escolher um companheiro de apartamento; seja ele cabo-verdiano, guineense ou de qualquer outra nacionalidade, busca-se o que se tem em comum (seja a cultura ou outros aspectos), (CORREIA, 2011).

²⁵ Ver Hall (2003)

reuniões, etc], e por tal motivo facilitar-me-ia a aproximação com o grupo de estudo. Porém, como havia afirmado, precisaria de olhares “distantes” para observar os detalhes pertinentes.

Afinal, este estudo buscou, durante este dois anos de pesquisa, conhecer a importância que se faz este fenômeno migratório que envolve sujeitos tão culturalmente modificados pelos contatos internacionais. Produzi-me e construí-me neste espaço/tempo de ‘multiculturas’ envolvidas, que permitiram a apreensão de novos saberes, sabores, ritmos e cores. E desta apreensão conheci e ressignifiquei novos eus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BHABHA, Homi K. **Interrogando a identidade**: Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. In: O Local da cultura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre, CAMBOREDON, J-C, PASSERON, J-C. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia, 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2007. BECKER, Howard S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BEKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade étnica, identificação e manipulação**. In: IDENTIDADE, etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976. cap.I, p.1-31.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp. 220 pp. 1998.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. São Paulo: EDUSC, 2002.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DESIDÉRIO, Edilma. J. **Migração internacional com fins de estudos**: o caso dos africanos do Programa Estudante-Convênio de Graduação em três universidades públicas no Rio de Janeiro. 2006. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Ciências Estatísticas, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro. [Links]

ELLERY MOURÃO, Daniele. **Identidades em trânsito**: um estudo sobre o cotidiano de estudantes guineenses e cabo-verdianos em Fortaleza. 2004. Monografia - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE.

ELLERY MOURÃO, Daniele. **África "na pasajen"**: identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas. 2006. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - CE.

FAVRET-SADA. **Ser afetado**. Caderno de campo n.13: 155-161, 2005. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol13_n13_2005/cadernos_de_campo_n13_155-161_2005.pdf. Acesso em 20 de setembro de 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GUIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOFFMAN, E. Estigma. **Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1978.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

GÓIS, Pedro. **A emigração cabo-verdiana para (e na) Europa e sua inserção em mercados de trabalho locais**: Lisboa, Milão, Roterdão. Coimbra, 2002. 375p. Dissertação de Mestrado, Departamento de Sociologia. Universidade de Coimbra.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 9º Ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2005.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. **África no mundo acadêmico**: diálogos cruzados.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos**: Palavras-chave da antropologia transnacional. Mana vol.3 n.1 Rio de Janeiro Abril. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100001. Acesso em 05 de outubro de 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. www.portalmeec.gov.br. Educação - PEC-G- Acesso em 19 de Abril de 2010.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SIMMEL, Georg. **O estrangeiro**. RBSE.Vol. 4 nº 12. Dezembro de 2005. Disponível em:<http://www.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsedez05.pdf>. Acesso em 22 de Junho de 2011.

SUBUHANA, Carlos. **Estudar no Brasil: Imigração Temporária de Estudantes Moçambicanos no Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. PPGSS/ESS/UFRJ.2005

TADEU DA SILVA, Tomaz (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Tradução: Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naif. 2010